

Esporte, identidade, política e outras narrativas da copa do mundo 2014: notas sobre o livro *"The world cup chronicles: 31 days that Rocked Brazil"*



Allyson Carvalho de Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

e-mail: allyssoncarvalho@hotmail.com

Submetido em: 08-09-2018

Aceito em: 23-09-2019

Tributária dos folhetins franceses, a crônica chega ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, e compõe uma importante referência de narrativa dos grandes centros urbanos. Valendo-se de sua natureza "ligada ao imediato, ao dia-a-dia, ao efêmero cotidiano que retrata a cidade" (LUCENA, 2003, p. 161), este gênero literário encontrou no esporte uma de suas pautas (LUCENA, 2001; MELO, 2001) e, nesse ínterim, o futebol teve extenso acionamento (COSTA; NETO; SOARES, 2007).

Entre suas vertentes poéticas, ficcionais ou dedicadas à literal descrição do cotidiano, a crônica esportiva brasileira é marcada pela franca adjetivação valorativa e uso de metáforas que, dentre outras características, tanto colaborou com a construção da narrativa que vincula o futebol a um traço importante na representação da cultura nacional. A relação entre a crônica e o futebol foi tão intensa que, segundo Costa, Neto e Soares (2007), o volume e a qualidade de seus textos associados ao "uso da metáfora em grande escala transformaram um gênero estrangeiro na terra que o configuraria como o 'País do futebol'" (p. 1).

Mais de um século depois da consolidação desse gênero literário no Brasil, outras crônicas esportivas chegam às bancas. Destaco a obra *The World Cup Chronicles: 31 Days that Rocked Brazil*, publicada por Jorge Knijnik no ano de 2018, pela editora Fairplay. O conjunto de 28 crônicas guarda similaridades estilísticas com a tradição do gênero sem, contudo, operar somente pelo louvor a um “nacionalismo de chuteira”, mas antes buscando tencionar esse imaginário com o novo cenário político, econômico e social do país que se fez sede da Copa do Mundo de 2014. A intenção desta resenha, mais do que apresentar a obra ao público, é sublinhar algumas ideias que o autor, de forma arguta, apresenta em sua narrativa sobre a Copa do Mundo e destacar a potência desse gênero literário para debater questões sociais.

A obra é prefaciada por Roger Kittleson, professor de história do Williams College (USA), que a partir do livro lança questões importantes para pensar o megaevento esportivo. Contudo, a ponderação mais marcante é a demarcação do local de fala de Jorge Knijnik, que Roger declara como “insider-outsider”. De fato, o autor da obra é isso: um brasileiro apaixonado por futebol com curiosidade enciclopédica por fatos e pelas mais diversas narrativas sobre esse esporte (o que o caracteriza com insider); que imigrou para Austrália há quase uma década, atuando como professor associado ao Instituto de Cultura e Sociedade e à Escola de Educação da Western Sydney University (o que lhe oportuniza um distanciamento próximo ao de um outsider).

O livro é dividido em três partes. Na primeira parte é possível ambientar-se na coletânea a partir de cenas que antecedem junho de 2014. Acompanhar as crônicas é um exercício de atenção que nos faz reviver sentimentos e associar fatos que, mesmo não obedecendo a uma sequência cronológica, nos dizem muito da conjuntura social do Brasil e das condições sob as quais a Copa do Mundo ocorreu. Durante as 10 primeiras crônicas, o autor oferta seu ponto de vista sobre os protestos que tomaram as ruas de diversas capitais do Brasil em 2013, as disputas político-econômicas para a delimitação das sedes e as construções das arenas para

o evento; a Copa das Confederações como evento teste, alguns ícones do *star system* futebolístico como Ronaldo, Pelé, Romário e Sócrates, as trajetórias e ingerências de João Havelange e Ricardo Teixeira no futebol brasileiro, além da organização e fragilização do Clube dos 13 e do memorável Maracanazo, que definiu a Copa do Mundo de Futebol de 1950, dentre outros.

A segunda parte do livro prioriza os 31 dias que compreenderam a Copa do Mundo no Brasil e é constituída por mais 10 crônicas que abordam temas como a esperança do Brasil em resgatar o orgulho do “futebol-arte”, representado emblematicamente por Garrincha e Sócrates, ou ainda a rivalidade amistosa entre Brasil e Argentina e como isso emoldurou a atmosfera do evento quando uma das equipes esteve em campo na Copa do Mundo.

Contudo, aderindo a uma das características seminais da crônica, a escrita de Jorge “nos permite ter acesso aos pequenos fatos do cotidiano” (LUCENA, 2003, p. 162). Nesse sentido, a segunda parte é tomada por alguns personagens que, independentemente de sua centralidade no megaevento esportivo, ofertam um pouco da textura de suas experiências para entendermos algumas nuances da Copa do Mundo 2014. Entrar em contato com fatos que ocorreram com Francisco Vargas (taxista) ou Rita Maria dos Santos (Representante da Associação de vendedoras de Acarajé) é dialogar com a experiência de diversos brasileiros com o “Padrão FIFA” ou a “Zona FIFA” (e talvez isso faça muito mais sentido do que qualquer análise formal dos contratos firmados entre a entidade e o Governo Brasileiro).

É também no campo da narrativa de sujeitos comuns que podemos ter acesso às experiências pedagógicas das professoras Miriam Balicas e Mildred Sotero que, em cenários distintos, abordaram a Copa do Mundo em suas aulas para acionar posicionamentos críticos em seus alunos a partir de abordagens transculturais e midiáticas. Aproximar-se desses relatos fez parecer menos solitárias outras tantas iniciativas pedagógicas que se propagaram pelo país e que não tiveram a repercussão merecida para além dos legados intangíveis relacionados à educação em seus espaços

de atuação (Ex: ARAUJO *et al.*, 2016). A segunda parte do livro ainda é espaço para falar da visibilidade de mulheres no futebol e na política ou mesmo de atores (Ex: Luiz Felipe Scolari) e cenários (Ex: Granja Comary) que dizem muito da postura da seleção brasileira no megaevento esportivo.

Já a terceira parte do livro é dedicada a fatos e reflexões posteriores ao megaevento. Chamou atenção o destaque dado à Camisa 10 da Seleção Feminina do Brasil, Marta, e seu importante papel de representação na luta pela visibilidade do futebol de mulheres, simbolizado por seu apelo aos torcedores (“Não deixem de apoiar o futebol feminino”) após sua participação nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Ao considerar os desmandos e os gastos exorbitantes para a realização da Copa do Mundo 2014 e a gestão do futebol no Brasil, além de registrar alguns desdobramentos relacionados à CBF como sintomas da permanência de hábitos não saudáveis desse jogo de poder político e econômico, o autor abre reflexões sobre o que aprendemos com o evento. O famigerado resultado de 7x1 serve como metáfora para reflexões de nossas aprendizagens para além do campo e levam o autor a pensar em uma agenda de desafios postos ao Brasil antes de colocar uma outra Copa do Mundo de Futebol em perspectiva.

Não apostando em uma postura descritiva dos fatos e temas versados, Jorge Knijnik remasteriza a narrativa cronológica linear e mobiliza o leitor. Em mim funcionou com uma percepção um tanto nostálgica, nos termos de Angela Prysthon (2009, p. 8), dos fatos narrados sobre a Copa do Mundo 2014. Não como uma relação de lamentação ou

comentário sobre o passado, mas como reação criativa ao presente, como articulação, às vezes intensamente subversiva, do sentimento de inadequação, ou deslocamento em relação ao aqui e ao agora [...] como a projeção do passado para frente, como um paradoxo espaço-temporal que condensa passado e futuro, memória e desejo, nostalgia e utopia.

A partir de temas sociais que percorreram a evasão dos torcedores de classes média e baixa das arquibancadas durante os grandes eventos esportivos, os usos políticos da Seleção Brasileira em período da ditadura, as questões de injustiça social, machismo ou racismo, os envolvimento de atletas em cargos políticos ou mesmo a construção narrativa do “país do futebol” arraigada em elementos culturais cotidianos, como marchinhas de carnaval, cada crônica pode afetar os leitores de formas distintas. A amplitude do debate proposto pelo autor consegue dimensionar o quanto o futebol e a Copa do Mundo extrapolam as demandas do âmbito esportivo. A multiplicidade de temas permite inúmeras articulações pela triangulação de elementos entre o fenômeno esportivo, a identidade nacional e a mobilização política da qual toda organização social é tributária.

Jorge Knijnik se permitiu transitar entre fatos, sujeitos, espaços... Fez da crônica a sua forma de expressão e tencionou o discurso acerca da narrativa do “País do futebol”. Penso que gêneros literários mais comuns ao mundo acadêmico não permitiriam a potência do conteúdo que o autor acionou ao optar pelas crônicas. Talvez essa seja uma outra contribuição da obra, a de sugerir novos caminhos para tratar de temas pulsantes. Com as crônicas não se propõe verificar, provar ou analisar (verbos tão caros ao mundo acadêmico/científico), mas se incita uma reflexão sobre narrativas e sugere leituras possíveis. O texto está interessado em compor diálogos na esperança de mobilizar outros sujeitos, brasileiros ou não, acadêmicos ou não. De certo, o livro de Jorge Knijnik me mobilizou e, portanto, indico vivamente a obra com a certeza que ela pode acionar outros debates.

Referências

ARAUJO, A. C. *et al.* **Megaeventos esportivos e seus legados: reflexões sobre Copa do Mundo 2014 a partir da Mídia-Educação.** Natal: EDUFRRN, 2016.

DA COSTA, F. R.; NETO, A. F.; SOARES, J. G. Crônica esportiva Brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a prática**, V. 10, n. 1, p. 15-32, 2007. Doi: <http://doi.org/10.5216/rpp.v10i1.198>

LUCENA, R. de F. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.

LUCENA, R. de F. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

PRYSTHON, A. F. A imaginação nostálgica como Utopia. **Tatuí**. nº 5 (edição do Passado). Recife, p.7-10, 2009.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.